

TOP ENGLISH: EXTENSÃO EM BENEFÍCIO DO EMPODERAMENTO

PRISCYLLA ALVES LIMA¹

NEUDA ALVES DO LAGO²

Resumo: A extensão, processo imprescindível em uma Universidade, se refere a uma convivência harmoniosa de troca de saberes entre a comunidade e a academia. Proposta em lei pela LDB, constitui um importante processo de aprendizagem para o graduando da Licenciatura e protagoniza um papel de destaque no necessário jogo de empoderamento que resulta das lacunas que o Estado deixa na educação pública, pois o ensino de Língua Inglesa, por recomendação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, além de ocupar um pequeno espaço nos projetos pedagógicos escolares, ainda é reduzido apenas à instrumentalização da leitura, em uma temática alienante e, ainda, costumeiramente exclui a prática das habilidades orais e de fala. Pensando nessa ausência e tentando preencher esse vácuo, o referido projeto de extensão elaborou oficinas gratuitas de língua inglesa, nas quais o espaço para a aplicação de todas as habilidades fosse ampliado e se discutisse para além dos contextos descontextualizados, aproximando a realidade local do aluno com a realidade do falante da língua inglesa, numa tentativa de estabelecer os laços da alteridade, e de continuar uma corrente de fornecimento de saberes críticos, de novas visões da realidade.

Palavras-chave: Linguística Crítica Aplicada. Extensão, Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa.

¹ Universidade Federal de Goiás

² Universidade federal de Goiás

TOP ENGLISH: EXTENSION BENEFITING EMPOWERMENT

Abstract: Extension is an indispensable process at the University and refers itself to an harmonious living regarding the exchange of knowledge between the academy and the community. It was proposed legally by the Law of Directives and Bases of National Education (in Portuguese, LDB), and it constitutes an important learning process for the undergraduation student. Furthermore, it stars an important role in the necessary empowerment game which results from the gaps left by the State in the public education, because the English language teaching, by a recommendation of the National Curricular Parameters, besides occupying a tiny space in the educational pedagogical projects, is still reduced to the reading instrumentalization in alienating themes and reduces the approaching of the four abilities (reading, speaking, listening and writing). Taking these absences into account, and trying to fulfill this vacuum, the said process elaborated free English language workshops, in which the space to the application of all the skills would be enlarged, connecting local realities with English-speaking realities, reinforcing othernesses, providing critical knowledge and new visions of reality.

Keywords: Critical applied linguistics. Extension, english language learning and teaching.

TOP ENGLISH: ESTENSÃO BENEFÍCIO DE HABILITAÇÃO

Resumen: La extensión, proceso esencial en una universidad, se refiere a una coexistencia armoniosa de intercambio de conocimientos entre la comunidad y el mundo académico. Propuesta de ley por la Ley de Directrices y Bases de la Educación Nacional (en portugués, LDB), es un proceso de aprendizaje importante para los estudiantes de la licenciatura en Lengua y Literatura y lleva un papel destacado en la habilitación necesaria de juego como consecuencia de las deficiencias que el Estado hace en la educación pública, pues la enseñanza del idioma Inglés, por recomendación de Estándares Curriculares nacionales, ocupa un pequeño espacio en los proyectos educativos escolares, y aún se encuentra limitada únicamente a la instrumentalización de la lectura en un tema alienante y también excluye la práctica de la expresión oral y el habla. Teniendo en cuenta esta ausencia y tratando de llenar ese vacío, el dicho proyecto ofreció talleres gratuitos de idioma Inglés, en que el espacio para la aplicación de todos los niveles se expandieron y se discutieron más allá de los contextos descontextualizadas, aproximando a la realidad local del estudiante con la realidad del hablante del idioma Inglés en un intento de establecer la alteridad de los bonos, y seguir una cadena de suministro de conocimiento crítico, de nuevas visiones de la realidad.

Palabras-clave: Lingüística crítica aplicada. Extensión, aprendizaje y enseñanza del inglés.

INTRODUÇÃO

A democratização do saber, segundo Chauí (2001), é um processo de luta que se intensificou bastante no final do século dezenove:

A partir das revoluções sociais do Século XX e com as lutas sociais e políticas desencadeadas a partir delas, a educação e a cultura passaram a ser concebidas como constitutivas da cidadania e, portanto, como direitos dos cidadãos, fazendo com eu, além da vocação republicana, a universidade se tornasse também uma instituição social inseparável da idéia de democracia e de democratização do saber: seja para realizar essa idéia, seja para opor-se a ela, no decorrer do Século XX, a instituição universitária não pôde furtar-se à referência à democracia como uma idéia reguladora” (CHAUÍ, 2001, p. 07).

A definição de extensão na universidade está ligada, diretamente, a essa democratização do ensino, reiterada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que versa, em seu artigo 43:

Art. 43. A educação superior tem por finalidade:

- I** - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II** - formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;
- III** - incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- IV** - promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
- V** - suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;
- VI** - estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
- VII** - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.
- VIII** - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares. [Incluído pela Lei nº 13.174, de 2015] (LDB, 2015).

Sendo as premissas básicas para este artigo, que trata da extensão, os incisos VI a VIII são, em nossa consideração, o norteamento necessário para que o ensino acadêmico transcenda os limites da universidade e aja dentro da comunidade, levando saberes às mais diversas categorias de ensino, aos cidadãos que se encontram dentro e fora das linhas limítrofes materiais da universidade, numa tentativa de suprir necessidades de conhecimento e informação, mantendo relações de afinidade e empoderamento, além de realizar trocas de saberes entre o meio acadêmico e o popular, tão necessárias na contemporaneidade. Essas trocas só podem acontecer se envolverem toda a sociedade, o que pode ser interessante pelo ponto de vista político, visto que o Estado deixa muito a desejar no que tange ao sistema educativo, preocupado apenas com as privatizações (como as Ordens de Serviço que, atualmente, são impostas aos usuários do ensino público) e com as metas de programas avaliativos como o PROVA BRASIL e o ENEM, retirando do aluno o ensino crítico, ajustado às suas realidades sociais.

Dessa forma, ter a competência para falar uma língua estrangeira, processo cada vez mais imprescindível na atualidade, é algo a estar inserido nas práticas de ensino de uma nova forma como mecanismo de empoderamento e associando a isso as tendências mercadológicas neoliberais em que a educação se encontra inscrita³, vê-se a necessidade de realizar micropráticas de poder alicerçadas no ensino/aprendizagem de uma outra língua por meio de uma práxis crítica seguidora do que Giroux (1988) afirma:

[...] aprender uma língua estrangeira é um empreendimento essencialmente humanístico e não uma tarefa afecta às elites ou estritamente mercadológica, e a força da sua importância deve decorrer da relevância de sua função afirmativa, emancipadora e democrática. (GIROUX, 1988, p. 87).

Esse arcabouço teórico é um suporte para movimentos de resistência dentro das micropráticas educacionalmente institucionalizadas. O poder alocado nas instituições de ensino, entendido como “um modo de ação sobre a ação dos outros” (REVEL, 2002, p. 68) gera condutas acadêmicas que tentam fugir

³ Segundo Santos e Andrioli (2000, p. 7), “em termos de estrutura social, no neoliberalismo vigora a manutenção da sociedade burguesa, com suas características básicas: a) trabalho como mercadoria; b) propriedade privada; c) controle do excedente econômico; d) mercado como centro da sociedade; e) apartheid, exclusão da maioria; f) educação regulada pela divisão social”.

ao aspecto neoliberal e alienante da educação, estabelecendo o ensino gratuito de uma outra língua, capaz de abordar as quatro habilidades (*reading, listening, speaking e writing*), fundando relações de alteridade e tentando formar subjetividades baseadas na compreensão da multiplicidade de identidades, bem como práticas produtoras de material didático próprio, adaptadas à realidade imediata do discente.

Assim, vemos no ensino público uma lacuna que tenta ser preenchida nos meandros da extensão, pois as matrizes curriculares neoliberais são criadas para o fim mercadológico, tecnicista, permitindo apenas o ensino do conteúdo e dificultando a reflexão sobre ele: reprodutora do Imperialismo e seus modos de submissão.

Um conhecimento é repassado, depositado, segundo Freire (1987, p. 33) e, “desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador é o depositante”, sem que se estude se realmente uma realidade cognitiva repassada de um comando superior distante e alheio é realmente eficaz na construção de um indivíduo crítico, capaz de não só dominar a estrutura da língua, mas de discutir sobre o ambiente que o cerca, que se torne apto a realizar uma leitura diferente de mundo, distender sua criticidade, estudar a gramática de um modo menos monótono: um indivíduo com consciência de classe.

A nossa proposta do projeto de extensão Top English, em ação desde 2005, procurou essa abordagem crítica de viés freiriano:

[...] o termo extensão, na acepção que nos interessa aqui [...] indica a ação de estender e de estender em sua regência sintática de verbo transitivo relativo, de dupla complementação -: estender *algo a*. Nesta acepção, quem estende, estende alguma coisa (objeto direto da ação verbal) *a* ou *até* alguém – (objeto indireto da ação verbal) – aquele que recebe o conteúdo do objeto da ação verbal (FREIRE, 1987, p. 20).

A dialética emancipadora entre uma realidade local e outra longínqua foi estabelecida como imperativa na criação de um modelo pedagógico de oficinas mensais de língua inglesa, abertas à comunidade local (alunos de escolas públicas, trabalhadores de quaisquer setores, estudantes universitários e outras clientelas – as aulas não têm restrição de perfil), no intuito de oferecer, sem qualquer tipo de custo, um ensino de qualidade focado em situações autênticas de interação, na leitura e discussão de temas de interesse público, e no resgate das normas formais e informais da língua inglesa.

JUSTIFICATIVA

A conjuntura atual apresenta uma situação de globalização incontestável. A abertura de fronteiras e o livre comércio levam pessoas de diferentes localidades a uma proximidade cada vez mais estreita. A interação entre mundos diferentes se realiza por meio da fala. O mercado de trabalho exige que as pessoas estejam cada vez mais qualificadas e essa qualificação tem que sair diretamente dos modelos de educação, cujo profissional básico é o professor.

Sabemos que, na nova ordem mundial em que estamos inseridos, há uma hierarquia entre as nações, diretamente proporcional ao poder econômico que cada uma possui. O sistema capitalista adotado em quase todo o mundo não permite modos de vida alternativos à soberania do lucro, bem como as relações de poder entre países determinam de maneira rígida e restrita quais os conteúdos a serem ensinados e, conseqüentemente, a parcela de participação dos profissionais da educação na elaboração e debate desses conteúdos.

A superioridade econômica de uma nação é fator determinante também na difusão de modos de vida, de mentalidades e das estruturas que essa mesma nação poderá se utilizar para construir sua educação. Pode-se constatar facilmente que países estáveis economicamente expandem suas indústrias para localidades subdesenvolvidas. Essas mesmas localidades “não dispõem” de capital suficiente para melhorar escolas e pagar salários mais dignos, recorrendo a empréstimos pagos por organizações internacionais. Estas, como são credoras, se julgam no direito de ditar para as devedoras como o dinheiro será gasto e qual será o modelo educacional adotado.

A cultura dos países dominantes é assimilada pelos dominados, mas jamais o inverso. Ela é tida como superior e dita padrões de comportamento aos submetidos. O sujeito que a aprende despende algumas horas do seu dia na prática, exercitando-se por meio de um material criado na metrópole que, na maioria das vezes, não retrata o seu cotidiano, e que profere discursos defensores de um sistema que os insere cada vez mais na condição de colônia. Assim, ele não se identifica com o que aprende, e nem o professor tem a autonomia de ensinar o que deseja e o que acredita, pela formação acadêmica que teve, o que é um erro, pois acreditamos que a identificação é um fator essencial no processo de aprendizagem:

A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa

progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção de nós por nós mesmos [...] (FREIRE, 1987, p. 42).

Com base nessas compreensões, consideramos que se faz mister mudar esse panorama, e se, pela nossa observação feita no estágio, isso se tornou difícil dentro da sala de aula da escola pública, a extensão se incumbirá dessa tarefa.

OBJETIVOS

Tendo conhecimento da LDB e conhecendo os Projetos Políticos Pedagógicos das escolas públicas, tivemos a oportunidade de analisar os Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN) e perceber que existe uma carência de ensino das quatro habilidades da língua inglesa (falar, ler, ouvir e escrever). Verificamos que predomina a instrumentalização da leitura, que é uma recomendação dos PCN de Língua Estrangeira, comprometidos com o ENEM. Essa realidade não subsiste apenas no ensino público, mas também no privado, em que todos os olhares estão voltados para batimento de metas. O mercado dita os rumos da educação.

O aluno da escola privada pode ter maiores condições de frequentar o curso livre, mas não podemos nos esquecer que, mesmo nessas escolas, há uma porcentagem, ainda que mínima, de alunos de baixa renda cujos pais regulam o orçamento doméstico com poucos recursos e seus filhos provavelmente não terão acesso a cursos de idiomas pagos por fora da escola. O discente da escola pública já encontra maiores dificuldades frente aos altos valores das mensalidades. O aluno da academia oriundo de escola pública também sente a necessidade de se aprofundar mais numa língua estrangeira, pois se utiliza de diversas fontes estrangeiras para obtenção de seu conhecimento. Logo, o propósito desse projeto de extensão é atender a todos esses públicos que tencionam reforçar seus conhecimentos de língua inglesa, não só apenas na instrumentalização da leitura, mas também no treino das quatro habilidades básicas.

Percebemos, ao analisar a matriz curricular das escolas em referência, essa presença não autônoma do professor, essa intervenção na estruturação da língua inglesa como disciplina, que parece obedecer ainda a um modelo que tenta, mas que ainda não escapa ao padrão longínquo (temas abordados pela matriz em um enfoque colonialista, machista e reacionário) na escolha dos

conteúdos. Dificulta-se, assim, o cumprimento do que Freire (1987) considera como atribuição mais importante da escola, que é transformar para além do indivíduo a sociedade, e ser crítica da sua própria cultura e da cultura dominante, o que é possível se bem desenvolvida uma cultura escolar específica de cada comunidade quando esta reorganiza e reestrutura os saberes que transmite.

No espaço escolar, pode e deve emergir o plural, de acordo com a compreensão freiriana. Esse plural une presente e passado e assim desaliena o seu público e, por conseguinte, a sociedade que o envolve. Nesse aspecto, as Leis de Diretrizes e Bases e os Parâmetros Curriculares, nos moldes atuais, favorecem uma educação homogeneizadora, mas o movimento de discussão levantado pela Linguística Aplicada, iniciado nos anos 1980, promove uma ampliação no conteúdo desses documentos. Há, no Brasil, uma diversidade de formas de ensinar, porém não basta introduzir novos temas: é preciso analisar e concretizar o currículo, além de incluir novas fontes e linguagens na aplicação dos saberes linguísticos, transformando, assim, o ensino/aprendizagem de língua inglesa em um desafio tanto para alunos, quanto para professores, que devem juntos subverter as fronteiras entre as diversidades culturais, sociais, teóricas, práticas e políticas. Na construção da Matriz Curricular dos colégios que observamos, principalmente no estágio, é possível perceber essa vontade de ampliação, mas por diversas circunstâncias políticas e técnicas dos profissionais e da infraestrutura envolvida, na prática cotidiana de sala de aula, essas renovações não se concretizam.

Para tanto, introduzimos a Pedagogia Crítica, nos paradigmas da Linguística Crítica Aplicada, em oficinas realizadas por meio desse projeto de extensão realizado na Universidade Federal de Goiás - Regional Jataí, afiliado ao curso de Letras-Inglês.

Envolvemos a leitura, a escrita, a audição e a fala na abordagem dos tópicos em paralelismo, observando as necessidades dos públicos acima mencionados, tencionando familiarizá-los um pouco mais com as idiossincrasias dos falantes de língua inglesa, ao tratar de temas que permitam elaborar discussões mais críticas acerca de diferentes realidades, não apenas a leitura mecânica. Unimos às observações que fizemos na escola pública, nossa experiência no ensino privado, nos meios acadêmicos e no curso livre de idiomas da própria universidade citada (no qual também já lecionamos), para entrecruzar dados e fixar os modelos da nossa implementação do referido projeto.

METODOLOGIA

Os projetos de extensão se caracterizam por serem uma ponte entre a instituição de ensino e a comunidade que a circunda. Entre estas, estabelece-se uma relação de interação, permuta, na qual tanto os docentes quanto os discentes aprendem, “possibilitando uma troca de valores entre a universidade e o meio” (SILVA, 1996, s/p).

Procuramos abordar temáticas que pudessem facilmente estabelecer paralelos entre a nossa realidade (goianos falantes de Português) e a realidade dos falantes de língua inglesa, especialmente sul-africanos, norte-americanos e ingleses. Pensamos nos contextos musicais, abordamos a cinematografia, as comidas típicas, as relações com o meio ambiente e os sentimentos de pertença que se estabelecem por meio das escolhas lexicais dos falantes de todas as regiões acima citadas.

O projeto foi amplamente divulgado nas redes sociais, por lista de e-mails, por meio de cartazes impressos. Abaixo, seguem alguns dos cartazes divulgados:



Figura 1: Cartaz TOP ENGLISH: temática cultural (música, cinematografia e culinária)



Figura 2: TOP ENGLISH: aula teórica e aula prática de educação ambiental

TOP ENGLISH - ENVIRONMENTAL EDUCATION- FICHA DE INSCRIÇÃO (Responses)							
22	5/24/2015 22:18:28	Rafaela Branco de Lima	rafinha_cullen2@hotmail.com	36368838	Lixo	Básico	
23	5/24/2015 23:31:57	Roger Mendonça de Assi	roger-310@hotmail.com		DESMATAMENTO	Básico	
24	5/25/2015 13:02:20	Ana Karolina Mendes Mo	akarolina_moreno@hotmail.com	6436316391	Desmatamento	Básico	
25	5/26/2015 10:12:29	Weuler Borges Santos	weulerborges@hotmail.com	64 9987 1202	Desmatamento	Intermediário	Tema - Tecnologia da
26	5/26/2015 16:04:03	RUBERSON Araújo PERI	rubersonpereira@outlook.com	9215 7952	lixo	intermediário	reciclagem de lixo, D
27	5/26/2015 16:06:42	Fabio Fernandes Bruno F	fabiofilho@hotmail.com	64 8129-0557	lixo	básico	
28	5/26/2015 19:59:51	kamila kronit bastos	milakronit@gmail.com	6281467231	lixo	intermediário	
29	5/26/2015 20:00:29	luana kronit bastos	luanakronit@gmail.com	6281467231	lixo	intermediário	
30	5/26/2015 20:20:56	Zilvone Freitas Valentim	zilvonefv@gmail.com	(64) - 9648 - 0903	Lixo	Básico	
31	5/27/2015 9:34:07	Brenda Moraes Melo	moraesemelo@gmail.com	9938-8229	Desmatamento	básico	
32	5/27/2015 12:56:37	Cizaltino Rosa de Souza	cizaltino2012@hotmail.com	6499831795	Intermediário	Intermediário	
33	5/27/2015 13:21:40	Istela Pimentel de Souza	istela_bio.ufg@hotmail.com	64 84393835	desmatamento	intermediário	artigos em Inglês sob
34	5/27/2015 13:23:07	Stéfany Rodrigues Souse	stefanyrsrs@gmail.com	99526440	Lixo	Básico	
35	5/28/2015 8:15:07	Jorge Luis Sousa Ferreir	joorge30@hotmail.com	064 9699 8668	Desmatamento	Intermediário	TOELF
36	5/28/2015 10:32:23	Dirceu Lorensel Junior	dirceujr88@hotmail.com	64-36364566	Lixo	Básico	conheceremos prime
37	5/29/2015 11:01:48	Kássia Ferreira Santana	kassiasf23@hotmail.com	99475570	desmatamento	basico	Sempre realizar essa
38	5/29/2015 11:12:16	Lucas Santana de Medei	lucassmede@gmail.com	6492404015	desmatamento	avancado	ainda nao conheço o
39	5/29/2015 13:26:26	Silva Talon	rozairiopesdasilva.rl@gmail.com	(64) 9921-3339	Lixo	Básico	

Figura 3: Ficha de Inscrição virtual do TOP ENGLISH pelo GOOGLE DOCS

Tendo como escopo principal a situação relacional ensino/localidade, sempre estabelecendo paralelismos, o projeto Top English orientou os professores ministrantes das oficinas em suas aulas, que foram elaboradas, nos anos de 2014 e 2015, segundo os seguintes eixos temáticos: expressões idiomáticas (minicurso intitulado IDIOMS); gírias (minicurso intitulado SLANG); cultura e culinária (minicurso intitulado CULTURE); e educação ambiental (minicurso intitulado ENVIRONMENTAL EDUCATION). Todas as aulas envolveram: aprendizagem de vocabulário, leitura, pronúncia e discussão de textos. Os professores ministradores ficavam livres para escolher o material, porém a eles era delegada a incumbência de fazer a associação de uma realidade longínqua com a realidade local, procurando visualizar equivalências culturais, estimulando, assim, um diálogo de alteridade. As inscrições foram feitas tanto presencialmente, na secretaria do Centro de Línguas, quanto on-line por meio de formulários do Google. Os minicursos ocorreram sempre nas últimas sextas-feiras de cada mês, e, algumas vezes, nos sábados, começando em outubro de 2014 e finalizando as atividades em junho de 2015.

MINICURSOS

Os minicursos foram realizados nas últimas sextas-feiras de cada mês, entre as 19h e 22h, para abranger também estudantes que, em horário comercial, precisavam trabalhar.

Idioms

O minicurso IDIOMS explorou expressões idiomáticas em língua inglesa, especialmente aquelas com significados distintos dos habitualmente utilizados em português, estabelecendo-se a relação entre a visão de mundo brasileira, representada na língua portuguesa, e a anglo-saxônica.

Slang

Os inscritos do minicurso SLANG, separados em turmas de elementar e intermediário, de acordo com as informações das fichas de inscrição, tiveram contato com a abordagem da linguagem falada nas ruas, as expressões idiomáticas e gírias típicas dos países de língua inglesa.

Culture

O minicurso CULTURE tratou dos aspectos culturais musicais, religiosos e culinários dos países falantes de língua inglesa. Abordamos a influência africana e europeia na música norte-americana, fizemos paralelismos entre filmes britânicos e americanos. Contou, no final, com uma degustação de comidas típicas de países falantes da língua inglesa.

Environmental Education

Por fim, o minicurso ENVIRONMENTAL EDUCATION contou com dois dias de aula. No primeiro dia, houve aula expositiva abordando a temática ambiental em suas particularidades, como o lixo, a reciclagem, a degradação ambiental e a situação de países que, como o Brasil, tiveram um mercado voltado para o agronegócio. Estabeleceram-se paralelos com a realidade de produção de soja da cidade de Jataí e a produção de trigo no sul dos Estados Unidos. No dia seguinte, houve aula prática realizada em parceria com o Núcleo de Estudos em Agricultura Familiar, do curso de Geografia, e construiu-se uma horta em forma de espiral com ervas culinárias e medicinais, no interior do campus Riachuelo da Universidade Federal de Goiás.

A seguir, apresentamos os detalhes de um dos minicursos. Escolhemos o que versava sobre educação ambiental:

TOP ENGLISH – ENVIRONMENTAL EDUCATION

A Permacultura é um estudo sistematizado do design ecológico aplicado e, sendo uma ciência, ela possui uma literatura, teorias para aplicação de técnicas específicas que requerem algumas capacidades “é [...] trabalhar com a natureza e não contra ela [...] é olhar os sistemas e todas as suas funções ao invés de tirar apenas um fruto deles, e de permitir que os sistemas demonstrem sua própria evolução” (MORROW, 2010, p. 12).

Os objetos de estudo da Permacultura são água, solos, climas e plantas. Nessa ciência, procura-se combinar esses elementos de maneira que seu aproveitamento seja o máximo, que se possa produzir mais energia do que se consome, num enfoque sustentável que observe as particularidades do meio, procedendo sempre de uma análise geral para uma análise particular. Para isso, precisamos observar como a natureza foi transformada pela ação antrópica e projetar um sistema que beneficie a população e o espaço no qual ele foi implantado.

Ela está sempre ligada ao estudo da ecologia, nas palavras de Morrow (2010, p. 08):

Ao contrário de outros sistemas agrícolas modernos, a Permacultura está ancorada fundamentalmente nos ombros da ecologia, o estudo das inter-relações e da interdependência dos organismos vivos em seu ambiente. O resultado é uma nova forma de sustentar e enriquecer a vida sem a degradação social e ambiental.

Enfim, o sistema cria comunidades humanas sustentáveis aliando a ecologia ao design, fundindo o conhecimento tradicional com a ciência moderna que se aplicam a situações tanto rurais quanto urbanas no intuito de prover necessidades humanas básicas e suas infraestruturas. Alguns exemplos práticos que podemos citar são as bioconstruções, edificações que se utilizam de materiais como o barro, a madeira, as garrafas pet, mais ecológicos, que não tenham passado por um processo de produção agressivo ao meio ambiente. As funções são inúmeras: moradia, captação de água da chuva, fossas, banheiros secos etc.

Unindo a Linguística Crítica Aplicada e a Permacultura ao ensino de Língua Estrangeira Moderna, podemos estabelecer uma relação de ensino-aprendizagem interdisciplinar que estimule a nossa reflexão e a dos alunos sobre inúmeros problemas que acontecem com a natureza, com nós mesmos, e que ofereça oportunidades de discussão e conhecimento para o enfrentamento de problemas globais e locais, como a poluição das águas, ar e solo, o desmatamento desenfreado, os perigos do latifúndio monocultor e tantos outros.

Para a experimentação em sala de aula, a professora selecionou para leitura o primeiro capítulo do livro “*Ecological Imperialism*”, do autor Alfred W. Crosby. Essa leitura foi solicitada previamente, mandando o e-mail com o texto para todos os inscitos, sendo trabalhada na oficina da seguinte forma:

LESSON PLAN

MATERIALS: BLACKBOARD, CHALKS, PROJECTOR

HANDOUT: CHAPTER 1 – ECOLOGICAL IMPERIALISM, QUESTIONNAIRE ABOUT ECOLOGICAL QUESTIONS

ACTIVITY	MATERIAL	TIME	OBSERVATIONS
WARMER READING AND DISCUSSION: IMPERIALISM ECOLOGICAL	IMAGES OF THE DESTRUCTION OF THE NATURE (POLLUTION, DEAD ANIMALS, MONOCULTURE FARMS, ETC)	30	T DISCUSSES WITH THE STUDENTS THE FIRST CHAPTER OF THE BOOK, LISTENS TO OPINIONS AND GIVES HER OWN

(continua)

LEAD-IN BRAINSTORM	Blackboard and chalk	20'	T writes on the blackboard the word: "environment" and asks Ss to say some words related to the topic. T writes on the blackboard the new words
ELICITATION: MONOCULTURE AND THE DANGERS OF PLANTING ONLY SOIL	Blackboard and chalk	10'	T initiates the discussion about monoculture asking students' opinion. They may use the vocabulary of the brainstorm to improve their conversation
QUESTIONNAIRE: ECOLOGICAL ISSUES	Handout	30'	T gives to the students a questionnaire about ecological issues. They write their opinion about it.

Depois da conceituação oral, a professora pediu que todos falassem palavras relacionadas à ecologia, agricultura e plantio: essa parte pretendeu enriquecer o *vocabulary*. Quando surgiram dúvidas, o dicionário ou a internet foram consultados. Montamos, então, um quadro de vocabulário, que foi copiado pelos alunos. A professora modelou a pronúncia das palavras.

Posteriormente, a docente entregou um pequeno texto adaptado sobre Permacultura, baseado no trabalho dos autores Bill Morrison e Reny Mia Slay: "Introdução à Permacultura". Utilizando a língua-alvo, ela explicou a rosa da permacultura e introduziu tópicos gramaticais que estiveram presentes no texto. Após isso, realizou um jogo de memória com as palavras do léxico ambiental, ecológico e agrícola. Explicou o projeto da espiral de ervas, dividiu os 15 alunos em 3 grupos de 5, e pediu para os alunos procurarem um local adequado para a construção. Juntos, os participantes reuniram as pedras necessárias (o Campus Riachuelo tem um terreno extenso que era propício para a prática). O plantio, que foi feito na aula seguinte, no sábado pela manhã, consistiu em temperos e outras ervas: cebolinha, manjeriço, hortelã, alecrim, açafraão, e salsa, por exemplo.

Feitos os devidos pedidos de autorização, e tendo previamente organizado o material necessário, a professora estudou com os alunos o vocabulário adequado para se utilizar no momento da aula prática, bem como algumas frases prontas que puderam ajudar na interação, como: pedidos de empréstimo de material, favores, ordens de busca de material, discussões do melhor lugar, tópicos de conversação sobre análise do solo e das plantas.

Na última aula, usando a teoria dos efeitos de borda e padrões permaculturais, a professora, sempre na língua-alvo, utilizando-se de um data show com imagens concernentes, mostrou a questão não só da espiral, mas da variação de bordas e pediu que cada grupo realizasse um canteirinho de ervas com design diferenciado. A proposta também envolveu criar um vínculo entre os participantes do minicurso e os trabalhadores da limpeza da universidade (que sempre fazem o almoço por aqueles arredores), discutindo o manejo das ervas, adubação, e multiplicação delas. Os designs obtidos servirão para a alimentação dos alunos e funcionários. Fizemos um debate, no final da última aula, cujo tema foi MONOCULTURE x PERMACULTURE.

A professora pediu para os participantes assumirem responsabilidade futura pela espiral plantada e, sempre que possível, darem manejo, regando e colocando adubo, sempre que passarem pela universidade.

DISCUSSÃO SOBRE OS MINICURSOS

A Linguística Crítica Aplicada (doravante LCA) é uma abordagem hipotética que pode ser útil na discussão de uma multiplicidade de categorias que envolvem o processo de ensino/aprendizagem, entre elas: a formação do professor, a análise do material didático e a pedagogia como transgressão.

Quanto à formação do professor, a LCA vai de encontro ao ensino tecnicista, uma vez que este não se preocupa com a renovação do conhecimento. O tecnicismo prepara o professor como um autômato, uma vez que é fundado no treinamento:

Tradicionalmente tem-se definido treinamento como o ensino de técnicas e estratégias de ensino que o professor deve dominar e reproduzir mecanicamente, sem qualquer preocupação com sua fundamentação teórica [...]. Caracteriza-se por abordagens que concebem a preparação profissional como a familiarização dos alunos mestres com técnicas e habilidades para serem aplicadas em sala de aula. Por outro lado, formação tem sido descrita como uma preparação mais complexa do professor, envolvendo a fusão do conhecimento recebido com o conhecimento experimental e uma reflexão sobre estes dois tipos de conhecimento. (LEFFA, 2001, p. 07).

O julgamento da produção é o primeiro passo para o ensino crítico, visto que, antes de levar o tema ambiental à sala de aula, o docente avaliará os seus métodos de ensino. A episteme não se constitui como algo engessado. Cronologicamente falando, ela se metamorfoseia num contínuo. Assim, estamos

reforçando a valorização da formação sobre o treinamento, visto que aquela estará voltada para uma necessidade de aproximar-se do que virá:

A necessidade de prever o futuro é o maior de todos os desafios. Quando formamos um professor não o estamos preparando para o mundo em que vivemos hoje, mas para o mundo em que os alunos desse professor vão viver daqui a cinco, dez ou vinte anos[...]. O conhecimento evolui e aquilo que é verdade hoje provavelmente não será verdade amanhã. O conhecimento não é apenas o armazenamento de fatos, mas também a reflexão de como esses fatos podem ser obtidos, avaliados e atualizados. Isso é formação. (LEFFA, 2001, p. 10).

Essas práticas demandam tempo e o ensino mercadológico não pode despendar prazo na formação, que não trará, absolutamente, lucros imediatos para o sistema de produção: “é preciso produzir verdades para produzir riquezas [...]” (FOUCAULT, 2008, p. 100). Quanto ao livro didático, pode-se constatar a dependência docente em torno deste. Muitas vezes, um programa escolar tem como eixo o material didático de uma matriz longínqua, que não se encaixa no sistema cultural local:

O foco predominante nos livros didáticos pode contribuir para que as demais modalidades/formas de materiais didáticos sejam compreendidas como auxiliares, secundárias ou adicionais. Uma das conseqüências negativas desta compreensão poderia a ser o menor nível de preocupação na análise, na avaliação e na seleção de outras modalidades de materiais didáticos. (VILAÇA, 2009, p. 6).

Fica, assim, o docente, com essa valorização do livro didático, um profissional a serviço de um livro, uma bibliografia fica responsável pela seleção dos temas a serem trabalhados em sala de aula, e não o ser humano, professor graduado, que sabe das necessidades daquele ambiente. O livro como apenas uma das ferramentas para uma aula multifuncional e reflexiva não é algo muito fácil de se encontrar.

Enquanto fonte de referência, autores reconhecem que, no ensino de línguas estrangeiras, há uma grande valorização de materiais elaborados e produzidos em países nos quais a língua-alvo é falada como língua materna. Esta concepção é perigosa e, de certa forma preconceituosa, uma vez que possibilita a construção e transmissão de uma visão segundo a qual os materiais publicados por editoras nacionais ou desenvolvidos por professores não – nativos da língua-alvo seriam de qualidade inferior. (VILAÇA, 2009, p. 9).

Segundo Pennycook (1998, p. 75), o professor “cruza os limites opressores da dominação [...] e ensina seus próprios alunos a transgredir”. A pedagogia

como transgressão acompanha o fluxo dos acontecimentos sociais e forma um debate em que se pode atentar tanto para aspectos normativos quanto para aspectos de interpretação textual, o que pode possibilitar um avanço na escrita e no estilo bem como na fala, por meio dos debates.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, algumas imagens dos minicursos, respectivamente SLANG, CULTURE e ENVIRONMENTAL EDUCATION:



Figura 4: Minicurso Slang – Professor convidado do Centro de Línguas ministra sua aula



Figura 5: CULTURE – professores convidados e bolsista do projeto apresentam os pratos típicos: cheesecake, ponche, peixe com batatas fritas, cachorro quente, bunny chow, maçãs assadas, pizza, coca-cola e variedades de chá



Figura 6: Environmental Education – espiral de hortas feita pelos alunos contendo: babosa, louro, manjeriçã, hortelã, gengibre, cebolinha, alecrim, boldo e alho de urso

De acordo com os dados obtidos pelos questionários enviados aos participantes, a opinião da comunidade acerca das oficinas de língua inglesa oferecidas pelo Top English é positiva, com cerca de oitenta e cinco por cento de aprovação plena.

Como se trata de um processo cujo objetivo é aproximar culturas, os professores ministrantes dos minicursos do projeto tiveram que pesquisar as realidades locais e suas peculiaridades, aproximando-as com outras para, assim, desenvolver material pedagógico único, focado, diferenciado, exclusivo para seus alunos, voltado aos nossos interesses de alteridade.

O oferecimento de minicursos gratuitos para a comunidade é um dos meios de oferecer prática da linguagem sem qualquer tipo de ônus, evitando a fossilização linguística. A oportunidade de aprimorar o processo interativo e de reflexão cultural foi amplamente aproveitada pelos participantes, que se mostraram bastante ativos no aprendizado e contribuíram, em muito, com os seus conhecimentos para a nossa formação docente, agregando ainda mais valor a esse projeto tão necessário.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/11689199/artigo-43-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>. Acesso em: 15 mar. 2016.
- CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. In: *Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales*. n. 1, p. 53-76, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 25 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais – rumo a uma pedagogia crítica de aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- LEFFA, Vilson J. Aspectos políticos da formação do professor de línguas estrangeiras. In: LEFFA, Vilson J. (Org.). *O professor de línguas estrangeiras: construindo a profissão*. Pelotas, 2001, v. 1, p. 333-355.
- MURROW, Rosemary. *Introdução à Permacultura*. 5 ed. São Paulo: Editora Ática, 2010.
- PENNYCOOK, Alastair. A linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (Orgs.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 23-49.
- _____. *Critical Applied Linguistics*. New Jersey: Lawrence Erlburn Editions, 2001.

SANFELICE, José Luís. O compromisso ético e político do educador e a construção da autonomia da escola. *Nuances*, v. 6, p. 10-13, 2000.

SANTOS, Robinson; ANDRIOLI, Antônio I. Educação, Globalização e Neoliberalismo: o debate precisa continuar! *Revista Iberoamericana de Educación*. 2005. Disponível em: <http://rieoei.org/deloslectores/905Santos.pdf> Acesso em 13 jan. 2016.

SILVA, O. D. *O que é extensão universitária?* Disponível em <http://www.ecientificocultural.com/ECC2/artigos/oberdan9.html> Acesso em: 01 ago. 2015.

URZÊDA-FREITAS, Marco T.; PESSOA, Rosane R. Ensino crítico de línguas estrangeiras/inglês e formação crítica de professores/as: a pedagogia como transgressão. In: 63ª Reunião Anual da SBPC - Cerrado: Água, Alimento e Energia, 2011, Goiânia-GO. *Anais/Resumos da 62ª Reunião Anual da SBPC*. Goiânia-GO: Editora da UFG, 2011. p. 1-6.

VILAÇA, Mrcio Luiz C. *O material didático no ensino de Língua Estrangeira: definições, modalidades e papéis*. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. v. XXX, p. 1-14, 2009.